

Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias



Vol. 26 / 2009
II Série

hhuus

chc

Centro de História da Cultura

shi

Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 26 – 2009 / II Série

Crise da história e da cultura	9
Luís Andrade	
As novas revistas	15
Mário Soares	
O Tempo das Revistas	
Presença e actualidade. As revistas do século XX	19
Luís Andrade	
A importância e o projeto de revista <i>Atitudes</i>	31
Maria Clara Pires	
Coordenação de	
Luís Andrade	71
Luís Andrade de Castro	
Uma nova revista de filosofia?	57
Luís Andrade	
Um livro dos periódicos feministas	95
Isabel Saldanha	
Os textos de português de Ferreira de Castro	119
Uma abordagem a história do <i>Atitudes</i> (1919-1927)	
Maria João Cabrita	
<i>Noção Portuguesa</i> (1914-1916) – Que lugar, alívio ou lusitania?	139
João Manuel Coimbra	
Os <i>Atitudes</i> e a <i>Noção Portuguesa</i> : A segunda série da <i>Noção Portuguesa</i> (1923-1929)	155
Maria João Cabrita	
Estudos Sociais: o primeiro número de um suposto reformista (1905-1911)	173
Maria Silva	
Os conteúdos de espaço de género e os arcaísmos do espaço pluricultural	215
em <i>Revista Portuguesa de Sociologia</i> e a cultura democrática	
Armando Maria Mendes - Maria Antónia	
Luís Nova: um olhar sobre o pensamento de um jornal académico	231
Sandra Acácio Lopes	

hdmus

chc

ÍNDICE

O valor das ideias <i>Luís Andrade</i>	9
As minhas revistas <i>Mário Soares</i>	15
Pensamento e actualidade. As revistas no século XX <i>Luís Andrade</i>	19
A luso-brasilidade e o projeto da revista <i>Atlântida</i> <i>Lucia Maria Paschoal Guimarães</i>	51
"Uma nova e grande Lusitânia" <i>Zília Osório de Castro</i>	71
Uma nova revista de Filosofia? <i>Adelino Cardoso</i>	87
Em torno dos periódicos femininos <i>Teresa Salvador</i>	95
No rasto da passagem de Ferreira de Castro pelos suplemento e revista de <i>A Batalha</i> (1919-1927) <i>Maria João Cabrita</i>	119
<i>Nação Portuguesa</i> (1914-1916) – Que Integralismo Lusitano? <i>José Manuel Cordeiro</i>	139
Da <i>Filosofia Política</i> à <i>Cultura Nacionalista</i> . A segunda série da <i>Nação Portuguesa</i> (1922-1923) <i>Paulo Dias Oliveira</i>	155
<i>Estudos Sociais</i> : percursos temáticos de um ímpeto reformista (1905-1911) <i>Pedro Silva</i>	173
Os cavaleiros da espada de pau e os arcanjos da espada dum trovão: a Renascença Portuguesa e a cultura democrática <i>Adelaide Maria Muralha Vieira Machado</i>	215
<i>Índia Nova</i> : nacionalismo e cosmopolitismo num jornal académico <i>Sandra Ataíde Lobo</i>	231

Edição electrónica e estudo de revistas:
o contributo do Seminário Livre de História das Ideias
Pedro Lisboa 259

Da língua à cultura científica: a *Revista Internacional de Língua Portuguesa*
Cristina Montalvão Sarmiento 269

RECENSÕES CRÍTICAS

Souto, Maria Helena, *História do Design em Portugal I*
Leonor Ferrão 293

Guibal, Francis, *Le Courage de la raison – La philosophie pratique d'Eric Weil*
Luis Manuel A. V. Bernardo 297

Rosas, João Cardoso (org.), *Manual de Filosofia Política*
Maria João Cabrita 303

Mendes, Manuel da Silva, *Socialismo Libertário ou Anarchismo*
Maria João Cabrita 307

Autores 311

Resumos e palavras-chave 315

Abstracts and keywords 321

Em torno dos periódicos femininos

Teresa Salvador*

1. Primeira questão: valorizar

As revistas femininas¹ não são o género menor de uma espécie. Para o reconhecer, basta atender à crítica situacional e às propostas reformistas de certos artigos, entre os quais os dedicados ao sufrágismo, ao divórcio, à educação e à formação profissional², artigos de provocação e resistência, que mobilizaram o público para o debate de ideias e que constituem, no seu todo, um legado de posições em confronto, com múltiplas variações. As revistas femininas são, como quaisquer revistas, plataformas de fixação de ideias e, por conseguinte, suportes incontornáveis para a história das mentalidades e dinâmicas sociais, de modo que esta não se sistematiza inteiramente sem as incluir e tomar como fonte de estudo.

A constatação de tal condição de imprescindibilidade contrasta com a situação de geral desconsideração a que têm estado sujeitas. Esta situação foi confirmada e exposta por Vitorino Magalhães Godinho durante um seminário por ele orientado na Universidade Nova de Lisboa, em 1979, tendo então sugerido a inventariação dos periódicos femininos. Ivone Leal, que informa sobre o caso, acolheu a sugestão e procedeu ao arrolamento de periódicos³, resultando o livro *Um Século de Periódicos Femininos: Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*. No livro colocam-se duas questões que de modo algum são despidiendas: uma, qual a datação a ter em conta para o fecho do arrolamento?; outra, qual o critério de selecção dos periódicos? Atenda-se a cada uma delas.

* Universidade de Évora.

¹ Ao usar-se o termo “revista” está-se a ceder, tão-só momentaneamente, à designação comum, que não é adequada nem sequer vantajosa, como se mostrará mais tarde.

² As mais antigas temáticas substantivas são o direito eleitoral e a instrução. Para o primeiro caso, verifique-se a colaboração de Virginia Wood em *A Voz Feminina. Jornal semanal, científico, literário e noticioso exclusivamente colaborado por senhoras: dedicado às ilustres senhoras* [5 Jan. 1868-27 Jun. 1869]. Trata-se de uma mulher conhecedora do que se passava lá fora (cf. a série de artigos “O que se faz lá fora” que publicou em *O Progresso* [4 jul. 1869-26 Dez. 1869]).

³ O seminário foi dedicado ao século XIX português. Cf. Leal, Ivone, *Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*, Lisboa, CIDM, 1992, p. 10.

O ano de 1807 corresponde naturalmente ao lançamento de *Correio das Modas*, considerado pela autora como “o primeiro periódico conhecido”, ao passo que, fosse qual fosse a data a fixar no final do século XIX ou no início do século XX para o fecho do levantamento a efectuar, ela não deixaria de ser artificialmente imposta. Neste período não se registaram rupturas no paradigma editorial nacional ou acontecimentos políticos com impacte nas concepções e práticas editoriais. Assim, desobrigada de assumir datas, Ivone Leal resolveu lucidamente a questão com a indicação do ano de introdução da censura em Portugal – 1926 –, por sinalizar uma descontinuidade na liberdade de expressão. Esta delimitação temporal permitiu obter uma primeira periodização, tomada como referência para efeitos de organização e estudo. Quanto à questão do critério de selecção, a autora optou por excluir, sem ser demasiado segregadora, os periódicos que não se dedicavam expressamente às mulheres ou se limitavam à “publicação de figurinos, desenhos, moldes ou músicas”⁴. O recurso a tal critério visou criar um *corpus* autónomo mediante o reconhecimento da especificidade das matérias abordadas. Deste modo, coube a Ivone Leal demarcar um sector da imprensa periódica como campo de estudo, na continuidade da linha avançada por Clara Rocha⁵ para as revistas literárias do século XX e depois seguida por António Nóvoa e Justino Magalhães⁶ para a imprensa escolar dos séculos XIX e XX, entre outros de outras áreas do saber⁷.

O critério de selecção estabelecido por Ivone Leal afigura-se pertinente, não pela evidente perspicácia intrínseca nem pela notória capacidade resolutive, antes por

⁴ *Idem*, p. 12. *Correio das Modas*, de 1807 [Lisboa], é tido pela autora como “o primeiro periódico conhecido” (*Idem*, p. 13). Em Espanha, o periódico mais antigo, tanto quanto se sabe, é *La Pensadora Gaditana*, publicado em Madrid e em Cádiz ao longo do ano de 1768. Era assinado por Beatriz Cienfuegos, supostamente o pseudónimo de um frade (cf. Leston, Xosé V.F., *A prensa de mulleres en Galicia (1841-1994)*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 1996, p. 21). O periódico mais antigo em Inglaterra é *The Female Spectator*, de Elizabeth Haywood, fundado em 1744. Note-se que a influência da imprensa estrangeira na criação dos periódicos portugueses, na opção temática e na abordagem dos conteúdos está por estudar.

⁵ O livro em causa é: Rocha, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

⁶ De António Nóvoa, indicam-se dois títulos: Nóvoa, António, *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993; Nóvoa, António, “A imprensa de educação e ensino: Concepção e organização do Repertório português”, in Catani, Denice B. & Bastos, Maria Helena C. (orgs.), *Educação em Revista – A imprensa periódica e a história da educação*, S. Paulo, Escrituras, 1997, pp. 11-31. De Justino Pereira de Magalhães, remete-se para o artigo: Magalhães, Justino, “A imprensa de educação e ensino, repertório analítico (séculos XIX-XX)”, *Educação, Sociedade e Culturas*, 3, 1995, pp. 216-219.

⁷ Um exemplo: Nunes, Fátima, *Imprensa Periódica Científica (1772-1852). As leituras de “sciencia agrícola” em Portugal*, Lisboa, Estar, 2001.

remeter para o problema da vulnerabilidade deste tipo de publicação, associando-o a dois preconceitos, precisamente a frivolidade e a futilidade. Um e outro configuram acusações recorrentes: frivolidade pelo tratamento escrupuloso dado a assuntos irrelevantes ou, pelo contrário, pelo tratamento indiferente dado a matérias importantes; futilidade pela falta de sentido dos discursos, o que ridicularizava ou conferia indignidade a quem os assinava. Daí impor-se tantas vezes o cuidado em obscurecer a revelação do nome, sendo frequente o uso, quase lúdico, de pseudónimos, anagramas, acrósticos ou conjuntos de iniciais, cuja eficácia dependia da resistência à decifração.

O problema da vulnerabilidade, decorrente do predomínio de ideologias sexistas enraizadas, transversalizadas e internalizadas, tanto afectava os artigos dedicados à moda, quanto os artigos de conteúdo político: os primeiros, por serem considerados próprios das mulheres ou conformes à sua natureza; os segundos, por lhes serem impróprios ou estarem desajustados do papel social convencionado, naturalmente politicófóbico. Tal mentalidade contribuiu para inferiorizar a imprensa feminina perante a imprensa em geral que ganhara, por razões várias, uma forte consciência do valor de si mesma. Todavia, nem sempre os ataques depreciativos vinham do exterior. Muitas vezes constituíam-se e assumiam-se no interior do núcleo editorial, independentemente de os responsáveis serem homens ou mulheres. Ilustrativo é o texto de apresentação de *Vida Feminina. Revista semanal da mulher e para a mulher*, supostamente escrito por uma das secretárias de redacção⁸, onde se esclarece o público leitor sobre a natureza da revista: espaço “onde a mulher se sente mulher e onde a futilidade feminina, que é afinal a Vida, é tratada com algum carinho e sem política nenhuma”⁹.

Ao contrário do que acima se possa ter feito supor, a inferiorização não era participada por todos e nem toda a imprensa feminina se apresentava acomodada à imagem idealizada do “belo sexo”, compreendida entre o próprio e o impróprio. Também se apresentou extrovertida, combativa e decidida a permanecer no espaço informativo, equacionando os problemas da mulher e da sociedade, juntando a vida privada com a pública e harmonizando valores. Dois efémeros periódicos exemplificam a diversidade

⁸ As secretárias de redacção eram Albertina Paraíso e Virgínia Quaresma. Para o conhecimento da actividade feminista de uma e outra, consulte-se a seguinte obra: Castro, Z. O. de, Esteves, J., *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

⁹ Cf. *Vida Feminina. Revista Semanal da Mulher e para a Mulher*, p. 1. Procedeu-se sempre à actualização ortográfica das citações, por não se ver qualquer vantagem na fiel transcrição do português da época.

de posicionamentos, ambos publicados em Lisboa no ano de 1822: um, *O Toucador. Periódico sem política dedicado às senhoras*¹⁰, dirigido e redigido por Almeida Garrett e Luís Francisco Midosi; outro, *Gazeta das Damas*¹¹, propriedade de Caetano António de Lemos e redigido principalmente por três colaboradoras anónimas.

Na Introdução de *O Toucador*, declara-se que ficam intencionalmente de fora “as tarefas de politizar e despolitizar”¹². E os títulos dos artigos – “Bailes”, “Jogo”, “Modas”, “Namoro”, “Passeios” e “Teatro” – confirmam a mundaneidade da folha garrettiana, motivada e regulada por uma ideologia conservadora e vaporosamente *coquette*. É notório e óbvio o distanciamento de Almeida Garrett em relação às intelectuais suas contemporâneas. Numa linha editorial diferente, a *Gazeta das Damas* revela uma intenção formativa, edificante e interventiva, declarando-se uma folha “com política” para instrução das “tão benévolas leitoras dos negócios políticos”¹³. A invocação da necessidade nacional de aproximação das mulheres à política, pelo menos na qualidade de observadoras e comentadoras, coexiste, no mesmo espaço, com o apelo ao cultivo da domesticidade angélica, como se fosse insignificante e invisível o desacerto das duas mundividências. De facto, se alguns artigos não fazem contenção no uso do tom crítico, irónico e exaltado, outros postulam um ideal de mulher do tipo “companheira doméstica”. Cita-se exemplificativamente: “Dama de um espírito cultivado, e de um coração bem formado, e virtuoso. Eis aqui a companheira, e não a escrava de seu condigno Esposo: Ela satisfaz os seus desejos, e alivia-lhe igualmente as suas penas; recompensa-lhe os seus cuidados, e suaviza a sua sorte por efusões de ternura: a gravidade, a ino-

¹⁰ Trata-se do segundo periódico feminino publicado em Lisboa, de 22 de Fevereiro a 7 de Março de 1822. Era exclusivamente redigido por Almeida Garrett e Luís Francisco Midosi. Conhecem-se sete números (1-7), cada um com dezasseis páginas, de formato rectangular (a = 17,8 / l = 11,5), produzidos na tipografia Imprensa Liberal.

¹¹ Considera-se ser o terceiro periódico feminino: semanário publicado em Lisboa, de 29 de Novembro a 6 de Dezembro de 1822. Conhecem-se três números (1-3), cada um com quatro páginas, de formato rectangular (a = 25,2 / l = 15,7), produzidos na tipografia J. F. M. de Campos e Régia Tip. Silvana. As três colaboradoras principais assinavam por: Uma Senhora Portuguesa; Semiramis; Uma Outra Anónima. As restantes escondiam a identidade.

¹² Cf. s.a., “Introdução”, *O Toucador*, Lisboa, 1993, p. 27. Excluídas a política e as altas ciências, todo o interesse está nas notícias “da sociedade, do tom, da moda, etc.” (*Idem*, p. 27).

¹³ Cf. s.a., “s.t.”, *Gazeta das Damas*, 1 (Nov.) 1922, s. p. A mesma intencionalidade está subjacente no plano de trabalho que consistia “na sólida instrução de todas as classes do Belo-Sexo sobre os princípios da pura moral. No amor, em que pretendemos inflamar esta maioria da Nação pelas suas novas instituições, para que ela o inspire desde o berço à geração futura” (cf. *Idem*, s. p.). A instrução e a educação dominavam nos assuntos tratados, fosse para mobilizar os políticos (“As pensionistas do Estado”), fosse para reivindicar (“Educação”) ou para reformar comportamentos (“Dever das mães”).

cência e a modéstia mostrar-se-ão em seu rosto.”¹⁴ A dificuldade em considerar, no momento da publicação, a possibilidade de existência de contradição ideológica entre o conteúdo dos artigos e o projecto editorial tipifica bem a imprensa feminina. Além do mais, admita-se, ser “boa filha, boa esposa e boa mãe” era um programa socialmente irrenunciável e politicamente estimável, por colaborar na promoção dos valores civilizacionais acantonados à volta da ideia de Progresso e vinculados ao reformismo liberal. Logo, o programa encaixava bem no *modus vivendi* familiar, ao mesmo tempo que seguia o espírito moderno, defensor da instrução e intervenção política das mulheres. Poucos foram os periódicos consistentes com a intransigência inerente à legitimidade da cidadania inclusiva e à aplicação de uma “ética mínima”¹⁵ baseada na justiça social, proporcionadora de bem-estar comum. A *Gazeta das Damas* não foi caso de excepção, não obstante a sua presença disruptiva na Lisboa de Oitocentos.

Para desconstruir preconceitos sobre as revistas femininas e apreciar entre elas as diferenças qualitativas, importa que à inventariação sucedam quer a selecção e análise de temáticas dominantes, quer a contextualização e comparação com outros discursos de época, nacionais e internacionais¹⁶. Ivone Leal deixou apenas subentendida esta orientação, posto que o objectivo imediato lhe condicionou o desenvolvimento.

¹⁴ *Idem*, s. p.

¹⁵ A expressão “ética mínima” corresponde exactamente ao título de um livro de Adela Cortina [*Ética Mínima. Introducción a la filosofía práctica*, Madrid, Tecnos, 1986] e designa o referencial de exigência ética que garante o ideal da dignidade humana como absolutamente valioso e fim incondicionado.

¹⁶ No livro de Xosé V. F. Leston, *A prensa de mulleres en Galicia (1841-1994)*, encontra-se a seguinte observação à imprensa de mulheres em Portugal: “Malia a cantidade total de publicacións, case comparable a de España, debemos salientar que practicamente ningunha destas revistas pon en cuestión o modelo dominante acerca do papel social da muller. Neste aspecto esta prensa está mais próxima de galega que de española” (p. 58).

Não cabe neste trabalho, de abordagem incoativa e circunscrita a Portugal, a remissão para situações internacionais. Mas foi proveitosa a leitura do livro de Alison Adburgham (*Women in Print. Writing Women and Women's Magazines from the Restoration to the Accession of Queen Victoria*, London, Allen & Unwin, 1972) e de Laurel Brake (*Subjugated Knowledges, Journalism, Gender and Literature in the Nineteenth Century*, London, Macmillan, 1994), onde merecem destaque quer a análise feita às revistas de mulheres publicadas entre 1880 e 1890, quer os debates da imprensa, quer a relação estabelecida entre mulheres escritoras e jornalistas. Pela razão supra-indicada, resistiu-se à tentação de sumariar o caso brasileiro exposto por Kátia de Carvalho (“As imagens femininas no Rio de Janeiro, anos 20: Um sistema de informação cultural”, *Ciência de Informação*, vol. 20, 1, 1995), disponível na *net*, e Nelly Novaes Coelho (“A emancipação da mulher e a imprensa feminina. Século XIX-século XX”, *Cosmo on line*, 1/12/2001). Registe-se a impossibilidade de consultar a dissertação de Maria Fernanda Baptista Bicalho, também brasileira (Bicalho, Maria Fernanda Baptista, *O Belo Sexo: A imprensa, identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e inícios do século XX*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1988, 268 pp. [Dissertação]). Note-se que, apesar de não ter sido consultada, considerou-se que omitir a sua referência invisibilizava injustamente a obra.

A investigação nesta linha foi assegurada por Ana Maria Costa Lopes, subordinando-a ao tema “a imagem da mulher” e limitando-a ao século XIX. Trata-se de um período significativo pelos antagonismos e contradições que modelavam e organizavam a vida das mulheres: por um lado, uma compulsiva fixação no círculo doméstico por contaminação de ideais do Romantismo sofisticado, do naturalismo exagerado e de certo modelo burguês emergente; por outro, uma ostensiva vontade de auto-afirmação pública e de denúncia da desigualdade cívica. Os periódicos, de grande popularidade e variedade em Oitocentos, contaminados por esses antagonismos e contradições, constituem uma fonte para a recuperação de imagens da mulher: reivindicativas ou subordinadas; frívolas e fúteis ou reflexivas e activas; instrumentalizadas ou desprezadas. Da investigação de Ana Maria Costa Lopes resultou o livro *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de modernidade*¹⁷, imprescindível leitura para compreender a configuração de estereótipos e correlacionar essas interpretações tópicas com as mundividências da época.

Ivone Leal e Ana Costa Lopes¹⁸ comprovaram que os periódicos femininos não são um género menor, quer como produto de imprensa, quer como fonte de investigação. Existe substância de pesquisa resultante dos posicionamentos pluralistas e críticos tomados com a participação nos debates da época.

2. Segunda questão: classificar

A leitura dos livros das duas autoras e a consulta de alguns periódicos femininos colocaram uma questão de ordem prática: no conjunto dos periódicos, como diferenciar revistas e jornais? A questão surge quando Ana Maria Costa Lopes refere, sem qualquer explicação, *A Voz Feminina*, *O Progresso* e *A Ilustração Feminina* como revis-

¹⁷ Cf. Lopes, Ana Maria Costa, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de modernidade*, Lisboa, Quimera Editores, 2005.

¹⁸ Não são as únicas detentoras de elementos comprovativos, mas para o presente estudo elas são as autoras mais adequadas para o estudo do feminismo português. Em função deste critério, e sem diminuir o mérito de ninguém, não se tomou em consideração a dissertação de licenciatura de Rosemarie Wank-Nolasco Lamas, intitulada *O Feminismo Português através da Leitura de Alma Feminina e de Portugal Feminino* [Lisboa, Universidade Católica de Lisboa, 1993]. Também se não considerou o livro *A Mulher em Textos e Contextos. Um recenseamento bibliográfico tematicamente indexado sobre publicações periódicas portuguesas (1974-1988)*, de Luís Esteves de Melo Campos [Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1989], pela mesma razão. A justificação serve ainda para o artigo de Liliana da Silva Araújo Simões, “A publicidade nas revistas femininas” [*Boletim da Comissão da Condição Feminina*, Ano X, n.º 3-4 (Jul./Dez.) 1981, Lisboa, CCF, pp. 107-112].

tas¹⁹. Ora, as duas primeiras apresentam-se no subtítulo como jornais: *A Voz Feminina. Jornal semanal, científico, literário e noticioso exclusivamente colaborado por senhoras: dedicado a ilustração das senhoras*²⁰; *O Progresso. Jornal semanal político, literário e noticioso*²¹. O terceiro periódico assume-se apenas como semanário: *A Ilustração Feminina. Semanário d'instrução e recreio dedicado ao sexo feminino e redigido por várias senhoras e cavalheiros*²². Da consulta de sessenta e uma publicações do século XIX (ver Anexo: *Lista de periódicos femininos*), verificaram-se duas situações: grande variabilidade na designação subtitulada, desde jornal, revista, semanário, periódico, publicação e incluindo folha; omissão da referência à categoria. A designação "revista" apenas se regista em *Jornal das Damas. Revista de literatura e moda*, de 1865-1879, *A Mulher. Revista de família*, de 1883-1885, e em *A Jóia. Revista quinzenal literária*, de 1887. O primeiro caso é deveras curioso por se reconhecer com dupla identidade, mas, comparando os três entre si e estes com os restantes periódicos de tipo jornal, não se detectam traços distintivos específicos e identificadores suficientes para extrair critérios de decisão.

O jornalista Silva Pereira, que em 1883 analisou vários periódicos femininos em cinco artigos publicados na revista *A Mulher*, classificou-os a todos como jornal. Afirma: "Entre os jornais portugueses que em diversas épocas têm sido dedicados e oferecidos à mulher encontram-se alguns que tiveram vida efémera, outros que passaram por não poucas modificações e vicissitudes sem contudo se lhes alterar a índole, outros finalmente que foram bafejados pelas auras da estima pública, dando-se perfeitamente no santuário da família, sendo os enlevos da mamã e lidos com

¹⁹ Cf. Lopes, Ana Maria Costa, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de modernidade*, Lisboa, Quimera Editores, 2005, p. 361.

²⁰ *A Voz Feminina. Jornal semanal, científico, literário e noticioso exclusivamente colaborado por senhoras: dedicado a ilustração das senhoras* foi publicado entre 5 de Janeiro de 1868 e 27 de Junho de 1869. Conhecem-se 76 números (1-50: 1868; 51-76: 1869), cada um com quatro páginas, de formato rectangular (a = 42,5; l = 31,5), de periodicidade semanal e produzido na tipografia Voz Feminina, Tip. Luso-Britânica. A Redacção era constituída por Francisca Martins Wood, Guilherme Wood, Guiomar Torrezão e Pinho Almeida.

²¹ *O Progresso. Jornal semanal político, literário e noticioso*, continuação de *A Voz Feminina*. Foi publicado entre 4 de Julho de 1869 e 26 de Dezembro de 1869. Conhecem-se 25 números, cada um com quatro páginas, de formato rectangular (a = 43; l = 31), de periodicidade semanal e produzido na tipografia Luso-Britânica. A Redacção era constituída por Francisca Martins Wood e Guilherme Wood.

²² *A Ilustração Feminina. Semanário d'instrução e recreio dedicado ao sexo feminino e redigido por várias senhoras e cavalheiros* foi publicado entre 17 de Agosto de 1868 e 1 de Novembro de 1868. Conhecem-se doze números, cada um com quatro páginas, de formato rectangular (a = 43; l = 31), de periodicidade semanal e produzidos na Tipografia Lisbonense.

avidez pelas filhas"²³. Sendo Silva Pereira um estudioso do jornalismo, a uniformidade tipológica atribuída aos periódicos femininos corresponde ao modo usual de então os classificar – jornal –, tanto mais que já se havia estabelecido alguma distinção entre jornal e revista, segundo José Tengarrinha. O autor de *História da Imprensa Periódica Portuguesa* informa: "(...) foi o grande desenvolvimento da imprensa periodista em Portugal no 2.º quartel do século XIX que tornou possível e necessária a separação entre o jornal e a revista, não especialmente diferenciados pela periodicidade, mas pelas matérias que os constituíam e pela maneira de as desenvolver"²⁴. Consultando os periódicos femininos, reconhece-se formato comum, paginação aproximada, arranjo gráfico similar e conteúdo afim, preenchido por notícias e artigos. A transferi-los da categoria "jornal" para a de "revista", ter-se-á de decidir, pelos critérios de Tengarrinha, se as matérias e o seu desenvolvimento, independentemente da novidade veiculada, da polémica suscitada ou mantida e da qualidade reflexiva incorporada, resultam ou não de processos de investigação com referenciais teóricos explícitos, quer sobre questões pertinentes, quer sobre problemas teóricos ou práticos. Esta grelha de malha apertada aplica-se bem para distinguir artigos académicos de artigos jornalísticos, ou seja, peças de construção discursiva reactiva, mais ou menos imediata, e com procedimentos argumentativos de impacte público moderado ou arrasador. Ora, o que se encontra nos periódicos femininos configura o artigo jornalístico e não o outro. A verdade, poder-se-á argumentar, é que nem todas as revistas são académicas, por conseguinte, os artigos também não, e Tengarrinha refere-se a eles. Nesse caso, mantendo a mesma linha de raciocínio, replicar-se-á que certos artigos jornalísticos são tão elaborados e ponderosos quanto os das revistas não-académicas. Logo, a diferença não é significativa, como Tengarrinha considerou. Ainda assim, como encontrar justificação para a adopção da designação "revista" para as três publicações mencionadas por Ana Costa Lopes?

Tome-se uma outra via para elucidação. Clara Rocha, que investigou a fundo as revistas literárias portuguesas do século XX, classificou-as em duas secções: uma que atende ao aspecto material e à periodicidade; outra que aprecia a matéria temática. Ao justificar a primeira secção, compara o jornal e a revista, considerando que aquele é mais efémero, tem maior frequência, dispensa capa, apresenta um formato maior e está obrigado à datação "porque se quer justamente em cima do acontecimento", seja

²³ Cf. Silva Pereira, "Jornais para as damas, Semanal das Musas, Jornal dos Amores ou as Calovriadas de Coimbra", *A Mulher*, (8) 1883, p. 63.

²⁴ Cf. José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1965, p. 134.

ele qual for²⁵. Tais características, válidas para as revistas em geral, confirmam, pelas razões acima aduzidas, que os periódicos femininos do século XIX correspondem maioritariamente ao tipo jornal. Todavia, no século XX o apuramento inclina-se a favor da revista. A simples existência de capa, a par de outros elementos menos ostensivos, já ajuda a decidir.

Na segunda secção, Clara Rocha reparte as revistas por grupos em função da matéria: de entretenimento e informação; culturais; marginais; políticas ou de opinião; artes e letras. A repartição aplica-se legitimamente aos jornais. Seguindo a classificação proposta, pode-se dizer que os jornais femininos do século XIX e inícios do século XX são sobretudo de convivência e informação utilitária (saúde, tarefas domésticas, educação, etc.), apresentando secções pequenas e variadas (notícias, rubricas de opinião, textos literários, moda, charadas), favorecendo a assimilação de dados com função prestativa no quotidiano doméstico e na criação de ambiente familiar, ou seja, promovendo a inserção da mulher no lar. A dimensão política ou cultural coexiste variavelmente em muitos.

A partir de 1926 e até 1974, preferiu-se a modelação do periódico em revista e boletim, neste caso se figurasse como órgão de uma associação com vínculo ao Estado Novo. O suplemento e a exclusividade da carga ideológica fizeram dos periódicos os mediadores entre a produção da informação consentida e o consumo da informação disponibilizada. Nada obsta a incluir alguns no grupo "política e opinião".

Em suma, para o século XIX é difícil argumentar a favor da troca de designação (jornal para revista) e nem se vê qualquer vantagem nisso. De modo algum os artigos ficam diminuídos em pregnância na afirmação da identidade pública das mulheres ou perdem pragmatismo na intenção de dar a conhecer abertamente tal identidade. Porque não designá-los por jornal, o termo que geralmente ostentam, ou simplesmente por periódico?

3. Terceira questão: poderes e limites

Quer o livro de Ana Costa Lopes, quer o de Ivone Leal induzem a considerar a importância da escrita jornalística na revelação da realidade que se é, se conhece e se constrói. Encontram-se muitos artigos em que a escrita se assume como instrumento de poder, permitindo dizer em público o que se quer dizer, e como instrumento do poder, obstaculizando dizer em público o que se gostaria de dizer ou dizendo tão-só o que o poder quer

²⁵ Cf. Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 25.

que seja dito. Ambas as autoras advertem para a multiplicidade de vozes femininas, umas afinadas, outras desafinadas com os vários discursos epocais, mas que no seu conjunto serviram o intuito, como refere Helena König, de “quebrar com os actos monológicos da razão masculina” (p. 209). Uma questão desponta aqui: como é que se foi legitimando a escrita do sujeito feminino, sexualmente diferenciado? Sem desprezar as determinantes históricas, sociais e económicas, sem dúvida que a escrita periódica se legitimou na medida em que o conceito de feminismo, um conceito de identidade, ganhou expressão e multiplicou as suas expressões. Em termos gerais, o feminismo corresponde a “la primera forma de identidad pública que las mujeres, ante una aguerrida minoría y, posteriormente, en grupos cada vez más extensos, se han otorgado desde el fin del siglo XVII”²⁶. A identidade dá-se a conhecer pela voz e é mediante a escrita que as mulheres têm voz pessoal e pública. Ter voz significa conceber a vida agregada à coisa pública e, de certa maneira, bordejar o poder. Quatro ideias se configuram aqui em articulação:

- primeira, o feminismo é correlato do processo de autoconsciencialização da condição da mulher;
- segunda, a escrita, como registo da voz identitária, tem importante papel ilocutório cívico;
- terceira, a tipicidade do feminismo está na sua vinculação à “coisa pública”, não obstante a variedade de manifestações e filiações;
- quarta, o repúdio do feminismo tem consequências emancipatórias negativas pela retracção política provocada.

Não é, pois, inconsequente optar-se por ser feminista, posição de vanguarda, ou por ser feminina, posicionamento mais conservador. Quando no século XIX e até meados do XX se repudiava o termo “feminista”, numa compreensível demarcação da sua expressão violenta²⁷ e num deliberado afastamento das correntes políticas que a ele se

²⁶ Trata-se de uma definição abrangente tomada para efeitos de trabalho, cuja referência filosófico-jurídica é a declaração de Olympe de Gouges, correctora da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789 (cf. Giulio de Martino e Marina Bruzzese, *Las Filósofas. Las Mujeres Protagonistas en la Historia del Pensamiento*, Valência, Ediciones Cátedra, 1996, p. 291). A não-univocidade do feminismo permite usar o termo no plural – feminismos. Assim se contempla um espectro de posicionamentos que vão do liberalismo moderado ao radicalismo defendido, por exemplo, por Betty Friedan (cf. Betty Friedan, *The Feminine Mystique*, Harmondsworth, Penguin, 1983).

²⁷ Noticiosas eram as manifestações sufragistas promovidas pela inglesa Emmeline Pankhurst (1858-1938), fundadora da Women’s Social and Political Union, em 1903, que terminavam, inconstantemente, com violência, incêndios e destruições.

associavam, e quando se tomava reactivamente a designação “feminina”²⁸, a dimensão cívica perdia força reivindicativa no espaço público e provocava retracção política. Ora o esvaziamento da dimensão cívica gerava uma situação artificial e errática, dado que o horizonte ético onde pontuavam a igualdade entre os sexos e a emancipação jurídica e económica da mulher se desgarrava da acção reivindicativa cujo principal objectivo visava, em última instância, a participação e influência nas decisões governativas.

A dificuldade em optar por um ou outro conceito também se prende com o facto de o feminismo demorar a consolidar-se epistemologicamente, o que permitiria eliminar confusões conceptuais e vigiar eventuais contradições. Os periódicos do século XIX e de quase todo o século XX podem mostrar a relação entre a confusão dos posicionamentos e a inconsistência conceptual. Em *A Assembleia Literária. Jornal d’instrução*²⁹, primeiro periódico fundado, pertencente e dirigido por uma mulher – Antónia Pusich –, a infirmeza conceptual é evidente. Como escreve uma das colaboradoras em tom assertivo, trata-se de um “jornal redigido pelo espírito feminino” que investe na luta “pela nossa liberdade e pelos sagrados direitos que a sociedade nos tolhe”³⁰. O suplemento de carga reivindicativa permite afirmar que o termo “feminil” é correlato de feminista. Porém, em *Alma Feminina*, boletim oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas publicado entre 1917 e 1946 – “jornal de mulheres e feito por mulheres” –, declara-se no editorial que o feminismo “não quer roubar a mulher à família mas reivindica para ela direitos sociais mais extensos e complexos”³¹. E, por não

²⁸ O termo “feminina” tem uma conotação negativa por corresponder à internalização do ideal feminino, um constructo próprio do paradigma patriarcal que ideologicamente combina, tal como Simone de Beauvoir denunciou em *O Segundo Sexo*, a estrutura subjectiva da mulher e o comportamento social que dela é expectável. Ser feminina neste sentido corresponde à afirmação ou imposição da feminilidade. Feminina pode, ou não, ser solidário ou sinónimo de antifeminismo.

²⁹ *A Assembleia Literária. Jornal d’instrução* foi publicado em Lisboa entre 4 de Agosto de 1849 e 15 de Abril de 1851, inicialmente em regime semanal e depois quinzenal. Conhecem-se quarenta números (mais dezassete da 2.ª série: 1951), cada um com oito páginas, de formato rectangular (a=25 / h=18), produzidos na Tipografia G. M. Martins, J. B. Morando, Tip. Gratidão, Imp. e Tip. de Alexandrina Amélia de Sales, Tipografia de Silva, de Lisboa. Ivone Leal assinala o carácter inovador do jornal: “(...) na imprensa do século XIX a expressão ‘periódico feminino’ queria dizer jornal destinado por homens a público feminino e contendo matérias que esses homens entendiam ser as que interessavam ou deviam interessar às mulheres. A partir da publicação de ‘A Assembleia Literária’ aquela expressão amplia-se e altera o seu significado, na exacta medida em que o conteúdo do jornal se torna diferente” (cf. Ivone Leal, *Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*, Lisboa, CIDM, 1992, p. 56).

³⁰ Cf. Antónia Luísa Pontes Cabral, 4 de Agosto de 1849, p. 1.

³¹ Órgão do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, *Alma Feminina. Jornal de Instrução* foi publicado em Lisboa entre Janeiro de 1917 e 15 de Maio de 1946, com regularidade mensal.

querer ser exclusivamente feminista, integra actividades domésticas mais sofisticadas em secções como a moda e a *ménagère*, a literatura, a ciência, a vida social, a arte. Os motivos concretos, a vida real e os factos estão na base de uma doutrinação aparentemente neutra: “calmamente, sem intentos de revolução, sem impulsos e sem necessidade de nos encostarmos a qualquer doutrina político-religiosa”³². O programa editorial não vai além da razoabilidade moderada, sem determinação para recusar qualquer ordem de restrição interventiva e para defender a decisão pela própria vida.

Notável na crítica à homogeneidade e ao simbolismo do paradigma estruturante da humanidade é *A Voz Feminina*. O título exprime a estratégia adoptada: dar voz às mulheres através da escrita e deste modo mantê-las presentes no espaço público. A expectativa potenciada pela dimensão política é imensa. Vale a pena transcrever esta significativa passagem: “Porque não poderão as senhoras escrever tão bem ou tão mal como os homens? Estamos a meados do século XIX e ainda não lhes parece isso possível? As tolas e os tolos; as ignorantes e os ignorantes ou não escrevem ou escrevendo descrevem-se; ambos dizem tolices, ambos ostentam a sua falta de saber: as sensatas e os sensatos, as instruídas e os instruídos reproduzam-se como tais nos seus escritos. O sexo não influi nisso, mas sim o grau de talento com que nos achamos dotados e a cultura das nossas faculdades intelectuais. Acostumem-se, meus senhores e senhoras que duvidam, a crer que a instrução e as ideias que se adquirem estudando em diferentes países, as diferentes fases da família humana equiparam a mulher ao homem”³³. *A Voz Feminina*, considerado por Ivone Leal como “o primeiro jornal feminista surgido na Europa”³⁴, apostou na constituição de ideais de cidadania inclusiva e tomou um sentido de eficácia e de serviço cívico exemplar no jornalismo nacional. O jornal criou imensa expectativa, potenciada pela dimensão política e novidade. Incomodou e foi extinto.

A falta de apoio, ou o apoio retirado ao jornal, prende-se com as diferentes concepções de ser feminista, quer dizer, de ter consciência da condição da mulher: uma, conservadora, interpreta o feminismo como uma manifestação com vista a reivindicar e assumir os direitos e deveres inerentes ao papel de esposa e mãe; outra, radical, interpreta-o como acção reivindicativa de direitos e deveres iguais entre os seres

³² *Idem*, p. 1.

³³ Cf. Francisca Wood, “Declaração”, *A Voz Feminina*, 35 (Set.) 1868, p. 1.

³⁴ Cf. Ivone Leal, *Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*, Lisboa, CIDM, 1992, p. 71. Francisca Wood também estava convencida disso mesmo: “Um jornal redactado por senhoras é hoje uma novidade na Europa, de cuja iniciativa deverfamo-nos, as portuguesas, ufanar-nos. Mas, segundo todas as aparências, não nos ufanamos” (cf. Francisca Wood, “Editorial”, *A Voz Feminina*, n.º 13, 1868, s.p.).

humanos. O jornal de Francisca Wood provocou a reacção das mulheres vinculadas ao feminismo conservador, entre elas Maria Amália Vaz de Carvalho. Criticou-lhe o despropósito de ter voz pública, desafiante, esgrimista e invasora do espaço de influência e exercício do masculino poder político: "(...) o jornal, enfim, deve ser masculino, exclusivamente masculino, porque só os homens têm o espírito positivo que este género demanda"³⁵. Quer uma quer outra, pela reacção e contra-reacção, foram legitimando a escrita do sujeito feminino como forma de sustento, e ambas sabiam que a escrita jornalística criava a oportunidade para a voz das mulheres se instalar publicamente. Maria Amália Vaz de Carvalho, que "rejeitou os ideais de emancipação igualitária das mulheres, atacou o divórcio e negou a legitimidade do outorgamento do direito de voto às mulheres"³⁶, só poderia, por coerência, condenar; Francisca Wood só poderia fazer o que fez.

Os periódicos femininos foram (e são) mediadores das vozes das mulheres e dos modos de participação na vida pública³⁷.

Parágrafo conclusivo

Que importa explorar e sistematizar temas, imagens e ideias disseminadas pela escrita jornalística da autoria de mulheres em periódicos femininos, é um dado adquirido. A abordagem que se realizou, embora preocupada em dilucidar questões prévias, afirma o potencial investigativo dos periódicos femininos, aliás confirmado pelas três dissertações académicas realizadas no espaço luso-brasileiro. Dois pontos a reforçar, para terminar: os periódicos têm legitimidade como objecto de estudo e deixam em aberto a possibilidade de uma leitura intertextual que faça emergir as diversas vontades de afirmação de um colectivo desdobrado em muitas gerações.

³⁵ Cf. Amália Vaz de Carvalho, "Correspondência," *A Voz Feminina*, 25 (Set.) 1868, s.p. Resposta de Francisca Wood: "Se assim é, já não falta tudo, tendo uns dito que a redactora desta folha é um homem com bigodes retorcidos, outras que se quer fazer homem" (*Idem*, s.p.).

³⁶ Cf. Virginia Dias, "Maria Amália Vaz de Carvalho," in Zília Osório de Castro e João Esteves, *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, p. 581.

³⁷ Quarenta e seis anos mais tarde, escrevia-se em *Alma Feminina*, *Boletim Oficial da Comissão Nacional das Mulheres Portuguesas*: "On peut dire de la façon la plus absolue que le manque frappant d'équilibre moral, qu'on remarque dans les sociétés modernes, est la conséquence inévitable de l'absence de l'action consciente de la femme. Et voilà, pourquoi le féminisme, ayant pour but d'élever et de libérer la plus grande partie du genre humain, s'impose efficacement à tous les esprits illustrés. L'isolement auquel la femme a été condamnée et son éloignement de la vie publique a constitué toujours, et constitue, encore, un fort embarras au progrès" (cf. *Alma Feminina*, Ano 1, n.º 1, 1915, pp. 1-2).

Anexo

A Imprensa Feminista (1807-1974)

Lista de periódicos inventariados

N.º	Anos	Periódicos	Localidade
1	1807	<i>Correio das Modas</i>	Lisboa
2	1822	<i>Gazeta das Damas</i>	Lisboa
3	1822	<i>O Toucador</i> <i>Jornal sem política destinado às senhoras portuguesas</i>	Lisboa
4	1823	<i>Diálogo de Duas Velhas</i> <i>As mulheres que são da antiguidade ao modernismo falam verdade</i>	Lisboa
5	1823	<i>Eugénia</i> <i>Dedicado às damas</i>	Lisboa
6	1823-1824	<i>Periódico das Damas</i> <i>Semanal</i>	Lisboa
7	1836 1840-1843 1844-1853	<i>L'Abeille</i>	Lisboa
8	1836	<i>Colecção de Novas Modinhas</i> <i>Para honesto recreio das madamas e apaixonadas do harmonioso canto</i>	Lisboa
9	1836	<i>Semanal das Musas</i> <i>Poesias feitas ou colecionadas por M. C. A. e Silva</i>	Lisboa
10	1836	<i>Tardes de Verão ou o Divertimento das Damas</i>	Lisboa
11	1836-1846 1849-1852	<i>O Correio das Damas</i> <i>Ed. de modas. Semanal</i>	Lisboa
12	1837	<i>Jornal dos Amores ou as Calovriadas de Coimbra</i>	Lisboa
13	1838-1839 1842	<i>O Beija-Flor</i> <i>Semanário de instrução dedicado ao belo sexo</i>	Lisboa
14	1839	<i>Recreio Teatral</i> <i>Dedicado ao belo sexo</i>	Lisboa

15	1839	<i>O Romancista</i> <i>Jornal de recreio. Dedicado em especial ao belo sexo</i>	Lisboa
16	1839	<i>Pax Julia</i> <i>Dedicado à Comissão de Senhoras que promove o bazar em benefício da Soc. Teat. Bejense. Número único</i>	Beja
17	1840	<i>A Rosa Oferecida às Belas</i>	Lisboa
18	1842	<i>O Toucador das Damas</i> <i>Hebdomário literário</i>	Lisboa
19	1845	<i>O Jardim das Damas</i> <i>O Jornal do Tom</i>	Lisboa
20	1849	<i>O Mundo às Avestas</i> <i>Semanário do belo sexo</i>	Lisboa
21	1849-1851	<i>A Assembleia Literária</i> <i>Jornal d' instrução</i>	Lisboa
22	1850-1851	<i>O Judeu Errante</i> <i>Jornal de modas e de literatura amena dedicado às senhoras; Jornal de modas dedicado às senhoras</i>	Lisboa
23	1851	<i>A Açucena</i> <i>Jornal de modas e literatura</i>	Lisboa
24	1851	<i>A Quinzena</i> <i>Literatura, modas e teatros</i>	Lisboa
25	1852-1855	<i>A Beneficência</i> <i>Jornal dedicado à Associação Consoladora dos Aflitos</i>	Lisboa
26	1853-1862	<i>O Mensageiro das Damas</i> <i>Jornal de modas</i>	Lisboa
27	1856	<i>O Interessante</i> <i>Jornal de segredos</i>	Braga
28	1856	<i>Almanaque das Damas para o Ano de 1856 (Bissextos).</i> <i>Dedicado às assinantes do Mensageiro das Damas</i>	Lisboa
29	1858-1859	<i>A Cruzada</i> <i>Jornal religioso e literário</i>	Lisboa
30	1858-1860	<i>Mundo Elegante</i> <i>Periódico das modas, literatura, teatros, belas-artes, etc.*</i> * A 2.ª série de <i>Mundo Elegante</i> intitula-se <i>O Mundo Elegante</i> , Vila Nova, 1960.	Porto

31	1860	<i>A Moda Portuguesa</i>	Porto
32	1862	<i>Emancipação da Mulher</i>	Porto
33	1862-1863	<i>Hinos e Flores</i>	Coimbra
34	1862	<i>Mensageiro das Damas</i> <i>Jornal de literatura e modas</i>	Lisboa
35	1863	<i>Recreio das Damas</i> <i>Oferecido às damas portuguesas de toda a Índia</i>	Nova Goa
36	1863-1865	<i>Boudoir</i> <i>Crítica, teatros, música, modas, notícias, caricaturas</i>	Lisboa
37	1865	<i>A Esperança</i> <i>Semanário de recreio literário dedicado às damas</i>	Porto
38	1867-1879	<i>Jornal das Damas</i> <i>Revista de leitura e modas</i>	Lisboa
39	1867	<i>Flor Literária</i> <i>Periódico científico, instrutivo, literário e de modas</i>	Lisboa
40	1868	<i>A Ilustração Feminina</i> <i>Semanário de instrução e recreio dedicado ao sexo feminino</i>	Lisboa
41	1868-1869	<i>A Voz Feminina</i> <i>Jornal semanal científico, literário e noticioso.</i> <i>Exclusivamente colaborado por senhoras</i>	Lisboa
42	1869	<i>O Progresso</i> <i>Jornal político, literário e noticioso</i>	Lisboa
43	1870-1890 1928	<i>Almanaque das Senhoras</i>	Lisboa
44	1875	<i>Bouquet Literário</i>	Porto
45	1876	<i>Teatro e Modas</i> <i>Publicação hebdomadária</i>	Porto
46	1876-1877	<i>A Borboleta</i> <i>Hebdomadário dedicado às damas bracarenses</i>	Braga
47	1877	<i>Gazeta das Salas</i> <i>Jornal para as damas</i>	Lisboa
48	1877	<i>Jornal das Senhoras</i> <i>Publicação diária</i>	Porto

49	1879	<i>O Pirilampo</i> <i>Folha quinzenal literária e filosófica, dedicada às damas bracarense</i>	Braga
50	1882	<i>As Damas Portuguesas</i> <i>Jornal literário</i>	Porto
51	1883	<i>O Elegante</i> <i>Jornal de modas para homens, senhoras e crianças.</i> <i>Dedicado particularmente aos alfaiates e costureiras</i>	Lisboa
52	1883	<i>O Bouquet</i>	Porto
53	1883	<i>A Mulher</i> <i>Jornal de modas</i>	Funchal
54	1883-1885	<i>A Mulher</i> <i>Revista ilustrada da família</i>	Lisboa
55	1884-1885	<i>As Crianças</i> <i>Jornal de educação dedicado às mães</i>	Lisboa
56	1884-1886	<i>Gazeta Musical</i>	Lisboa
57	1885-1888	<i>Almanaque das Senhoras Portuenses</i>	Porto
58	1885	<i>O Cartão de Visita</i> <i>Semanário das elegantes</i>	Coimbra
59	1885	<i>Beja-Creche</i> <i>Número único. Publicado pela comissão da creche e dedicado às senhoras que a têm coadjuvado</i>	Beja (2.ª ed. Coimbra)
60	1886	<i>O Bouquet</i>	Porto
61	1886	<i>A Mocidade</i> <i>Semanário de instrução e de recreio dedicado às damas portuguesas</i>	Porto
62	1886	<i>O Sinapsismo</i> <i>Jornal em prosa e verso</i>	Ponta Delgada
63	1886	<i>A Pátria</i> <i>Periódico destinado às costureiras</i>	Porto
64	1886-1887	<i>Lisboa Elegante</i> <i>Contos, versos, teatros e bailes</i>	Lisboa
65	1887	<i>A Arte</i> <i>Semanário literário dedicado às damas reguenses</i>	Régua

66	1887	<i>O Bocage</i> <i>Semanário literário, científico e noticioso</i>	Lisboa
67	1887	<i>O Cisne</i> <i>Semanário literário, noticioso e charadístico dedicado às damas lamacenses</i>	Lamego
68	1887	<i>A Corbeille</i> <i>Semanário literário d'instrução e recreio, dedicado às damas portuenses</i>	Porto
69	1887	<i>O Escalpo</i> <i>Semanário literário e de crítica imparcial</i>	Lisboa
70	1887	<i>A Grinalda</i> <i>Semanário literário, científico, noticioso e charadístico. Dedicado às Exmas. damas desta cidade</i>	Elvas
71	1887	<i>A Jóia</i> <i>Revista quinzenal de literatura dedicado às damas vimaranenses</i>	Guimarães
72	1887	<i>O Mundo Elegante</i> <i>Mensageiro semanal de modas e bom tom. Dedicado às senhoras portuguesas e brasileiras</i>	Paris
73	1887	<i>A Rosa</i> <i>Publicação quinzenal literária. Dedicada às damas portuguesas</i>	Porto
74	1888	<i>O Dedal</i> <i>Quinzenário noticioso e literário dedicado às costureiras</i>	Porto
75	1889	<i>O Agulheiro</i> <i>Destinado às costureiras</i>	Porto
76	1889	<i>O Alfinete</i> <i>Semanário humorístico destinado às costureiras</i>	Porto
77	1890	<i>Gazeta das Salas</i> <i>Periódico literário dedicado às damas portuguesas e brasileiras</i>	Lisboa
78	1890	<i>A Pérola</i> <i>Semanário literário destinado às Exmas. damas desta cidade</i>	Elvas
79	1890	<i>A Religião da Mulher</i> <i>Jornal noticioso e auxiliador do professorado</i>	Albergaria-a-Velha

80	1893	<i>A Tesoura</i> <i>Semanário humorístico. Órgão das costureiras</i>	Porto
81	1893	<i>O Mundo Musical</i> <i>Jorna das damas portuguesas e brasileiras. Anunciador da moda</i>	Lisboa
82	1894	<i>O Boletim da Moda</i> <i>Revista dos Armazéns Grandela</i>	Lisboa
83	1894	<i>O Jornal das Damas</i>	Porto
84	1894-1985	<i>A Estação de Paris</i> <i>Revista de modas, literatura, elegância e bom tom</i>	Lisboa
85	1895	<i>A Utilidade</i> <i>Revista de interesse da economia doméstica</i>	Lisboa
86	1896	<i>A Crónica</i> <i>Suplemento à Estação de Paris</i>	Lisboa
87	1896	<i>Jornal das Senhoras</i> <i>Semanário ilustrado colaborado por damas</i>	Lisboa
88	1897	<i>A Moda Elegante</i>	Paris e Lisboa
89	1899-1900	<i>Ave Azul</i>	Viseu
90	1902	<i>Jornal das Senhoras</i> <i>Publicação trisemanal ilustrada</i>	Lisboa
91	1902-1904	<i>A Sociedade Futura</i> <i>Publicação quinzenal de literatura, ciência e arte</i>	Lisboa
92	1904	<i>Os Serões das Senhoras</i>	-
93	1904-1905	<i>Jornal das Senhoras</i> <i>Retratos, biografias, romances, letras e contos, teatro e salões. modas, contos e charadas</i>	Lisboa
94	1906-1910	<i>Jornal da Mulher</i> <i>(Secção de O Mundo)</i>	Lisboa
95	1907-1908	<i>Alma Feminina</i>	Lisboa
96	1909-1911	<i>A Mulher e a Criança</i> <i>Revista quinzenal ilustrada</i>	Lisboa
97	1910	<i>A Violeta</i> <i>Dedicada às senhoras e meninas de Castelo de Vide</i>	Castelo de Vide

98	1910	<i>O Jornal da Mulher</i> <i>Revista quinzenal ilustrada</i>	Lisboa
99	1910	<i>Mosaico Feminino</i>	Coimbra
100	1911-1918	<i>A Madrugada</i> <i>Propriedade da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas</i>	Lisboa
101	1912	<i>Em Homenagem a Ana Pereira</i> <i>Número único</i>	Lisboa
102	1912	<i>A Mulher Livre</i> <i>Centro da Mocidade Republicana Intransigente</i> <i>Número único</i>	Braga
103	1912	<i>A Mulher Livre</i> <i>Revista mensal educativa. Órgão da Associação de Propaganda Feminista</i>	Lisboa
104	1912-1913	<i>A Mulher Portuguesa.</i> <i>Revista mensal educativa</i> <i>Associação de Propaganda Feminista</i>	Lisboa
105	1913	<i>Educação Feminista</i> <i>Quinzenário literário, científico e artístico</i>	Lisboa
106	1914	<i>A Guerra</i>	Lisboa
107	1914 1915	<i>Parisiana</i> <i>Revista Ilustrada de elite e literatura, arte e música</i>	Porto
108	1914-1917	<i>Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas</i>	Lisboa
109	1915	<i>A Vida Elegante</i>	-
110	1915-1918	<i>A Semeadora</i> <i>Associação de Propaganda Feminista</i>	Lisboa
111	1917	<i>Moda Elegante</i> <i>Enciclopédia da mulher</i>	Lisboa
112	1917-1946	<i>Alma Feminina</i> <i>Boletim oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas</i>	Lisboa
113	1921	<i>A Mulher Médica na Família</i> <i>Revista quinzenal ilustrada</i>	Lisboa
114	1922	<i>A Rainha da Moda</i> <i>Figurino Português da Grande Moda de Paris</i>	-

115	1925	<i>Estrela</i> <i>Órgão do Comité Nacional das UCMF</i>	Porto
116	1925	<i>Eva Magazine</i> <i>Jornal da mulher e do lar</i>	Lisboa
117	1925	<i>A Moda</i> <i>Jornal para senhoras</i>	Lisboa
118	1925	<i>Vida Feminina</i> <i>Revista mensal da mulher para a mulher</i>	Lisboa
119	1925-1927	<i>Mulheres do Norte</i> <i>Mensário de arte e literatura</i>	Porto
120	1926	<i>Femina</i> <i>Literatura, arte e moda</i>	Lisboa
121	1930	<i>Portugal Feminino</i>	Lisboa
122	1931	<i>Fémina</i> <i>Arte e moda</i>	Lisboa
123	1932	<i>Feminismo</i> <i>Órgão do Instituto de Higiene Física</i>	Lisboa
124	1946-1947	<i>A Mulher</i> <i>Órgão do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas</i>	Lisboa
125	1942-1958 1964	<i>Os Nossos Filhos</i> <i>Mensário de puericultura, enfermagem, psicologia, educação, vida escolar, literatura, moda infantil, etc.</i>	Lisboa
126	1944-1952	<i>Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz</i>	Lisboa
137	1955	<i>Cinderela.</i> <i>Revista para mulheres</i>	Lisboa
128	1956	<i>Crónica Feminina</i>	Lisboa
129	1957	<i>Ela</i>	Lisboa
130	1957	<i>Jornal Feminino</i>	Porto
131	1959	<i>Almanaque de Crónica Feminina</i>	Lisboa

Observação

A lista apresentada resulta da consulta de dois livros (Ivone Leal, *Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*, e Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de modernidade*), de dois dicionários (*Dicionário no Feminino. Séculos XIX-XX* e *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX. 1941-1974*)³⁸ e ainda de dois livros de Silva Pereira (*Os Jornais Portugueses* e *Jornalismo Português*)³⁹.

Da lista, excluíram-se *Moda Ilustrada* (Lisboa, 1875), *A Moda Ilustrada* (Lisboa, 1879) e *A Moda* (Porto, 1882), pois esgotam-se nesse campo temático.

Incluíram-se periódicos escritos por homens, por homens e mulheres e só por mulheres, de vários tipos e destinados a vários sectores, como, por exemplo, as costureiras, o único grupo profissional com reconhecimento (cf. *A Pátria, O Dedal, O Agulheiro, O Alfinete, A Tesoura*).

Excluiu-se *O Idealista*, quinzenário dirigido e editado por Áurea Paes Falcão (A Andorinha), publicado em Odemira entre 15 de Março de 1931 e 19 de Julho desse ano, num total de dez números. A razão é uma só: dirige-se ao público em geral com os objectivos de "Sobretudo Educar", de evitar questões políticas, religiosas e sobre a igualdade, e de regionalizar ("Do nosso programa consta também um pouco de regionalismo")⁴⁰.

Incluíram-se gazetas e almanaques, seguindo o critério de Silva Pereira.

No *Relatório das Publicações Periódicas Portuguesas de 1964* (Lisboa, Biblioteca Nacional) e no *Suplemento* referente ao ano de 1962, encontrou-se na Secção Economia Doméstica (pp. 237-238) uma lista de periódicos dirigidos ao concreto das mulheres esposas e mães, na linha, por exemplo, de *A Mulher* (1883), *As Crianças* (1884) e *A Utilidade* (1895). Dela não se consideraram: *Modas e Bordados. Vida Feminina* (Lisboa, 1912); *O Enxoval da Noiva* (Lisboa, 1951); *A Mulher no Lar* (Lisboa, 1957); *Bordados à Máquina* (Lisboa, 1958); *O Bastidor e... a Máquina* (Lisboa, 1959); *Mãos de Fadas. Revista mensal de labores* (Lisboa, 1961). Trata-se de revistas técnicas ou limitadas a um só campo.

³⁸ Cf. Pires, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, 2 vols., Lisboa, Grifo Limitada, 1999.

³⁹ Cf. Silva Pereira, *Jornalismo Português*, Lisboa, Typ. Tavares, 1895; *Os Jornais Portugueses*, Lisboa, Imp. Libanio da Silva, 1898.

⁴⁰ Vale a pena transcrever a justificação dada por Áurea Paes Falcão no editorial do primeiro número do jornal: "Nunca sonhámos ser outra coisa que não fosse esposa e mãe, mas foi justamente esse mister sublime superior a todos os misteres que Deus, nos seus insondáveis propósitos, não quis conceder-nos..."

Após alguma hesitação, decidiu-se excluir *Mãos Dadas*, *Fagulha* e *Menina e Moça*, da Mocidade Portuguesa Feminina, precisamente por se dirigirem à juventude. A incluí-las, deveriam ter-se em consideração outras que surgiram, por exemplo, no âmbito dos Centros Escolares e de certas escolas, como as de enfermagem.

Excluíram-se os periódicos publicados depois do 25 de Abril de 1974, por requererem uma pesquisa, de momento impossível de realizar. Tal significou não considerar *Faces de Eva. Estudos sobre a mulher*, revista académica, nem *Ex æquo*, revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, ambas lançadas em 1999 e ambas referenciadoras.

A lista, que não se considera estar completa, pois é expectável a descoberta de outros periódicos, optou por dar prioridade ao ano de publicação, seguido do nome e subtítulo do periódico e do local de publicação. Deste modo, pretendia-se obter leituras passíveis de responder imediatamente às seguintes questões: Quantas revistas foram publicadas por ano, em cada século e no total dos dois séculos? Quais os periódicos que se assumiam como revista? Onde eram publicados? Sumariamente, verifica-se que, dos 131 títulos, 71 foram publicados em Lisboa, 25 no Porto, um simultaneamente em Lisboa e Paris, outro apenas em Paris e os restantes 32 pontuaram de norte a sul em localidades de distinta dimensão. Consta-se que em 1878 foram publicados nove periódicos em locais diversos, estando outros em publicação. Numa análise temática geral, os conteúdos integram-se mais ou menos nos mesmos campos: Higiene e medicina, Crítica e reivindicação, Vida social, Conhecimentos úteis, Receitas culinárias, Moda, Relatos históricos, Costumes, Curiosidades, Literatura, Charadismo e Anekdotes.